

A LITERATURA INFANTIL COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO E CRIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Hélio Júnior Rocha de Lima¹
Isabel Cristina Gondim Rocha²

INTRODUÇÃO

A literatura infantil tem ocupado, historicamente, um lugar ambíguo no contexto educacional: ora vista como instrumento de ensino e moralização, ora reconhecida como expressão artística e forma de experiência estética. Essa tensão revela uma disputa de sentidos sobre o papel da arte e da leitura no processo formativo das crianças. Ao longo da história, a literatura infantil foi muitas vezes utilizada como ferramenta pedagógica para a fixação de valores e comportamentos socialmente desejáveis, desconsiderando sua natureza criadora, sensível e libertadora.

No entanto, compreendida como linguagem artística, a literatura ultrapassa a função utilitária e abre espaço para o pensamento crítico, para a imaginação e para o exercício da liberdade. Tal concepção aproxima-se da pedagogia freireana, que entende a leitura e a escrita como práticas políticas de construção de sentido e de consciência.

Neste estudo, partimos da premissa de que a literatura infantil, quando vivenciada em contextos dialógicos, pode favorecer a emancipação intelectual e social das crianças, estimulando nelas a autonomia e a autoria de pensamento. O objetivo é, portanto, investigar de que modo o trabalho com a literatura infantil, mediado por práticas dialógicas e problematizadoras, pode contribuir para a formação crítica e emancipatória das crianças, reconhecendo a leitura como ato de criação e de libertação.

A relevância deste estudo reside na necessidade de repensar as práticas de leitura na escola, de modo que o texto literário não seja apenas pretexto para ensinar gramática ou moral, mas experiência estética e formativa que desperta o pensamento e a sensibilidade. Assim, busca-se contribuir para o fortalecimento de práticas educativas que reconheçam as crianças como sujeitos de saber e de cultura, capazes de dialogar criticamente com o mundo que as cerca.

DESENVOLVIMENTO

A discussão teórica que sustenta este trabalho baseia-se em quatro eixos principais: a pedagogia libertadora de Paulo Freire, a estética da recepção de Hans Robert Jauss, o conceito

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. heliojunior@uern.br

² Mestranda em Educação pelo programa de Pós Graduação em Educação-POSEDUC/ UERN. Graduada em Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. isabel20241000043@alu.uern.br



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



de espectador emancipado de Jacques Rancière e as reflexões de Regina Zilberman sobre o papel da literatura infantil na escola.

Para Freire (2011), educar é um ato político e ético que implica reconhecer o educando como sujeito histórico. A leitura, nesse sentido, não é mera decodificação de signos, mas exercício de conscientização e diálogo. Quando o leitor se aproxima de um texto, ele o faz a partir de seu contexto cultural e de sua experiência de mundo. Por isso, ler é também reescrever o texto, atribuir-lhe novos sentidos e construir uma visão crítica da realidade. Essa concepção está na base dos círculos de cultura, metodologia freireana que inspira este estudo, por priorizar o diálogo, a escuta e a problematização como caminhos de construção do conhecimento.

A teoria da recepção, desenvolvida por Jauss (1979), amplia essa perspectiva ao deslocar o foco da obra e do autor para o leitor, compreendido como agente ativo da experiência estética. Para o autor, a leitura é um processo histórico e intersubjetivo, no qual cada leitor interpreta a obra a partir de seu “horizonte de expectativas”. Assim, o sentido do texto é constantemente recriado, e a experiência literária se torna espaço de liberdade e de invenção. Essa ideia converge com a noção freireana de que todo sujeito é portador de saberes e capaz de compreender o mundo criticamente.

Rancière (2009; 2012), por sua vez, introduz a noção de emancipação intelectual, que se opõe à lógica da dominação do saber. Em *O espectador emancipado*, o filósofo argumenta que o espectador ou leitor não deve ser reduzido à passividade, pois toda recepção é também um ato de criação. Emancipar-se, portanto, é reconhecer a igualdade das inteligências e a capacidade de cada sujeito de pensar por si. Essa visão é essencial para o campo da educação, uma vez que redefine o papel do professor, não como detentor do conhecimento, mas como mediador do processo de descoberta e reflexão dos educandos.

Já Zilberman (2012) problematiza a função pedagógica atribuída à literatura infantil ao longo de sua história. Segundo a autora, ao ser instrumentalizada para fins didáticos, a literatura perdeu parte de sua potência estética, transformando-se em veículo de doutrinação moral. Recuperar o valor artístico da literatura infantil é, portanto, resgatar sua função humanizadora e emancipatória, que reside justamente na liberdade de imaginar, sentir e refletir.

A convergência entre esses autores permite compreender a literatura infantil como prática de formação e de libertação. Freire propõe a leitura como ato político e dialógico; Jauss reconhece o leitor como sujeito ativo da criação estética; Rancière afirma a igualdade das inteligências e o poder emancipador da arte; e Zilberman denuncia o empobrecimento da literatura quando reduzida a ferramenta escolar. Juntos, esses referenciais sustentam a concepção de que a leitura literária, na escola, pode ser um exercício de autonomia, diálogo e invenção.

METODOLOGIA



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



A pesquisa foi realizada na Escola Municipal André Luiz, localizada em Mossoró, Rio Grande do Norte, no período de maio a junho de 2025. Participaram do estudo 25 crianças do terceiro ano do ensino fundamental, com idades entre 8 e 9 anos. O percurso metodológico inspirou-se nos círculos de cultura freireanos, concebidos como espaços dialógicos de construção coletiva do conhecimento

As atividades consistiram em momentos de leitura e contação de histórias infantis, seguidos de conversas reflexivas em que as crianças puderam expressar suas interpretações por meio de palavras, gestos e desenhos. As observações foram registradas em diário de campo, e os diálogos foram transcritos para posterior análise.

O tratamento dos dados fundamentou-se na análise de conteúdo interpretativa, orientada pelos princípios da emancipação do espectador em Rancière e da educação dialógica e libertadora em Freire, buscando compreender como as crianças construíram sentidos diante das narrativas literárias, bem como as evidências de autonomia e pensamento crítico emergentes nas falas e produções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a literatura infantil, quando mediada de modo dialógico, transforma-se em experiência estética e formativa que mobiliza a imaginação, o pensamento e a consciência crítica das crianças. As leituras realizadas nos círculos de cultura possibilitaram que os participantes reinterpretassem as histórias, relacionando-as a suas próprias vivências e produzindo reflexões sobre temas como solidariedade, desigualdade e liberdade.

Tais experiências revelam a potência da literatura enquanto espaço de encontro entre o individual e o coletivo, entre o vivido e o imaginado. As crianças, ao expressarem suas interpretações, assumiram o papel de sujeitos ativos da leitura. Conforme Rancière (2012), o ato de ler é também um ato de emancipação, pois pressupõe a igualdade de inteligências entre quem ensina e quem aprende. Essa perspectiva pôde ser observada nas interações das crianças, que se mostraram capazes de argumentar, questionar e criar significados a partir das narrativas lidas.

Em consonância com Freire (2011), o diálogo constituiu-se como prática de liberdade. As conversas nos círculos de cultura evidenciaram que o processo educativo se torna mais potente quando o professor abandona a postura de transmissor e se coloca como parceiro de leitura e de reflexão. Dessa forma, a literatura escolar deixa de ser mero conteúdo e passa a ser vivência estética e política.

Por fim, as análises também corroboram a crítica de Zilberman (2012) à função instrumental da literatura infantil. Ao ser tratada como arte, e não como recurso didático, a leitura mostrou-se capaz de promover a escuta sensível, a imaginação criadora e o desenvolvimento da consciência crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



A pesquisa confirma que a literatura infantil, quando compreendida em sua dimensão estética e trabalhada a partir de práticas dialógicas, constitui-se em potente meio de emancipação e formação crítica. As experiências vividas nos círculos de cultura demonstraram que as crianças são capazes de construir interpretações próprias, atribuir sentidos ao texto e relacioná-lo às suas realidades, exercendo, assim, a autoria de pensamento.

À luz de Freire, Rancière, Jauss e Zilberman, reafirmamos que a leitura é um ato político e libertador. Ela se realiza quando a escola reconhece o direito das crianças de pensar e de imaginar, rompendo com a lógica bancária e instrumental da educação.

Concluimos, portanto, que trabalhar a literatura infantil como arte é reconhecer sua potência formadora e humanizadora. Em um tempo em que a escola é constantemente pressionada a priorizar resultados quantitativos, a literatura reafirma o valor da palavra como espaço de encontro, sensibilidade e transformação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2012



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN

